

INTERSEÇÕES DA LITERATURA

Nesta edição de número 15, a revista *Scripta Alumni* faz um convite à reflexão sobre as inúmeras e diferentes possibilidades de associações que tenham a literatura como ponto de partida. Começamos, então, mencionando os conceitos de **interseção**. Conforme o dicionário *Novo Aurélio século XXI*, uma interseção indica “cruzamento”, porque caracteriza a “operação por meio da qual se forma o conjunto de todos os elementos que pertencem simultaneamente a dois ou mais conjuntos” (INTERSEÇÃO, s. n.). Além disso, e justamente pelo fato de prever combinações e associações com outros tipos de elementos, a interseção é também sinônimo de “produto” (INTERSEÇÃO, s. n.)¹.

Em tempos “líquidos”, para emprestar a concepção de Zygmunt Bauman (2001)², é bastante expressivo e salutar investigar mais a fundo os modos de interseção e todos os processos que sinalizam essa possibilidade, a fim de repensar e reavaliar a produção cultural não apenas como reflexo, mas também como ato reativo aos aspectos da sociedade contemporânea. Ao mencionar a dissolução das fronteiras, Bauman tematiza a heterogeneidade, a identidade, a alteridade e fundamenta suas análises em duas questões que são interdependentes: o encontro e a diferença. Pois bem: a interseção concretiza exatamente isso, porque representa um espaço comum e compartilhado por elementos estranhos e muito diferentes, à primeira vista, mas que, pelo cruzamento, são impelidos a negociações e combinações que não seriam possíveis algum tempo antes, quando as fronteiras ainda eram rígidas e fixas e quando o espaço comum ainda não era estabelecido.

Dessa forma, parece quase paradoxal e é pelo menos irônico o fato de nossa época ser caracterizada pela mobilidade das fronteiras e pela ampliação de territórios, justamente em um momento em que o sujeito se “individualiza” (BAUMAN, 2001). Na esteira dessa oposição, ou desse tipo de embate, pode-se perceber o caráter reativo que existe na interseção das artes e das áreas do conhecimento. Evidentemente, esse procedimento não é novo, mas é imprescindível o fato de a pluralidade ter sido retomada de modo crucial, justamente neste momento. As retomadas são constantes e, tal como a moda, a literatura é feita de um constante ir e vir de tendências. Nesse sentido, pode-se

¹ INTERSEÇÃO. In: HOLANDA, A. B. de. *Novo Aurélio século XXI*. Nova Fronteira, [s. l.: s.n.]. 1 CD-ROM.

² BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



afirmar que o apelo à diferença e à pluralidade é, hoje, sintomático e pode ser compreendido como um modo de neutralizar os esforços “para manter à distância o ‘outro’, o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo” (BAUMAN, 2001, p. 126, ênfase no original).

Sendo assim, é como se, nesse caso, a literatura refletisse a sociedade contemporânea às avessas, pois propõe precisamente o oposto daquilo que o sujeito idealiza e realiza atualmente. A literatura que trabalha com interseções sugere a proximidade, a equalização, a comunicação efetiva e, por consequência, a “negociação” e o “compromisso mútuo”. Ao fazer isso, a arte literária resgata o hibridismo, que lhe é inerente – sobretudo se lembrarmos a concepção bakhtiniana de “romance” (BAKHTIN, 2014) – e que se manifesta de diferentes modos, em todas as épocas, a exemplo do que ocorreu no final da década de 1970, quando Clifford Geertz propôs o conceito de *blur* (GEERTZ, 1977)³. Nessa ocasião, a Antropologia dava sua contribuição, sinalizando o que, quase três décadas depois, Bauman também utilizaria, ainda que de modo não consciente, para relacionar o apagamento das fronteiras e o hibridismo (e, indiretamente, também o *blur*) ao século XXI.

A fim de demonstrar a relevância e as nuances das interseções na literatura hoje, doze artigos foram escolhidos para publicação e encontram-se distribuídos em quatro seções:

- *Filosofia, Política e Literatura.*
- *História, Psicanálise e Literatura.*
- *Literatura, outras artes e outras mídias.*
- *Textos, imagem e palavra.*

Ressalte-se, porém, que cada seção não pretende apresentar **todos** os temas, nem **todos** as áreas discutidas em cada artigo que ela abrange. A ideia é reunir assuntos que tenham alguma afinidade e que combinados, total ou parcialmente, possam elencar, de modo satisfatório, os eixos temáticos de **todos** os trabalhos de cada parte desta edição.

Na primeira seção, *Filosofia, Política e Literatura*, incluem-se três trabalhos. *Analyzing the gaps and silences of a text: Literature as a*

³ GEERTZ, C. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1977.



historical and social response to classism utiliza um conceito marxista para estudar a obra *The turn of the screw*, de Henry James, tomando por base o discurso de um personagem específico, a governanta, a fim de expor e problematizar a estratificação social. O segundo artigo, *Um quipo de terror imemorial: "Violência mítica" e "mera vida" em "Bom dia para os defuntos"*, de Manuel Scorza, lança mão de dois conceitos de Walter Benjamin para analisar um texto literário que representa os conflitos entre camponeses e latifundiários e alguns temas relacionados a isso, tais como: direito, poder e força/violência. No terceiro trabalho da seção, intitulado *Tradução e interculturalismo em "Esperando Godot"*, são analisadas duas montagens da renomada peça de Samuel Beckett (uma em Israel e outra em Sarajevo). Essa perspectiva permite a relação entre o aspecto social e o conceito de **tradução**.

A seção *História, Psicanálise e Literatura* compreende quatro artigos. O primeiro, sob o título "A menina que roubava livros": *Influência da Segunda Guerra Mundial no comportamento feminino*, faz uma comparação entre o romance de Markus Zusak e a adaptação fílmica homônima, privilegiando as personagens mulheres da trama: Liesel, Rosa e Ilsa. No trabalho *Dostoiévski, Freud, e o parricídio: Arranjos e desarranjos da psicanálise na literatura*, revisita-se o artigo *Dostoiévski e o parricídio*, que Sigmund Freud escreveu, no final da década de 1920. O objetivo é problematizar e reavaliar as associações entre as duas áreas envolvidas nessa interseção. Já no artigo *Memória e ficção no mundo pós-colonial de V. S. Naipaul: De "Miguel Street" para "O enigma da chegada"*, os autores utilizam as teorias de Philippe Lejeune e Irina Rajewsky, para analisarem, respectivamente, os aspectos biográfico/memorialístico e intramidiático da obra de Naipaul. No quarto trabalho dessa seção, o tema é o romance de José Eduardo Agualusa, cujo título integra o título do artigo: *A realidade e o sonho em "O vendedor de passados"*. No texto, analisa-se a obra do escritor angolano, de modo a apresentar a contribuição do universo onírico e da memória na formação da identidade cultural de um povo.

A terceira parte da revista, *Literatura, outras artes e outras mídias*, abrange dois estudos. *O mito de Tristão e Isolda como intertexto e tema de reflexão sobre o cinema, o teatro e a TV* discute e analisa os conceitos de **tradução cultural**, **intertextualidade**, **intermedialidade**, **metalinguagem** e **adaptação** no filme *Romance* (BRA, 2008), de Guel Arraes. O segundo trabalho, *Relação intermidiática e ideológica nas obras "Cobra verde" e "O vice-rei de Uidá"*, prioriza a associação da literatura com o cinema, que, por sua vez, é investigada sob as óticas de Linda Hutcheon e Robert Stam.



Nossa última seção, *Textos, imagem e palavra*, traz três trabalhos. Com o título *Antonio Tabucchi e "Os três últimos dias de Fernando Pessoa": Uma visão sobre a heteronímia*, o primeiro artigo investiga a associação entre textos das literaturas italiana e portuguesa e o modo como Tabucchi se apropria do ortônimo pessoano e de seus heterônimos. O segundo texto, intitulado *O verbo e o rio: Pontes de signo em "Habibi", de Craig Thompson*, baseando-se nos elementos constitutivos da arte sequencial e nos princípios da Estética da Recepção, de Wolfgang Iser, avalia a combinação da palavra com a imagem na obra literária. O último trabalho dessa parte da revista, *Gesto entre imagem e palavra: Walter Benjamin com Aby Warburg*, discute a questão da temporalidade da imagem, aplicando-a na obra *Enoch Soames*, do autor britânico Max Beerbohm.

Nesta edição da *Scripta Alumni*, a expectativa é que o panorama apresentado reforce, ou simplesmente exemplifique, o hibridismo inerente a toda e qualquer interseção, que constitui o tema central dos artigos que selecionamos aqui. Além disso, para evidenciar a presença já consolidada do *blur*, na cena artística contemporânea, convidamos nossos leitores a revisitar alguns conceitos que utilizamos hoje e que, de uma forma ou de outra, trazem a interseção em sua essência. Para tanto, em ordem aleatória, tendo como pressuposto apenas a relação do conceito com a pluralidade, que tão bem nos caracteriza, sugerimos a seguinte lista:

1. O "interculturalismo" de Patrice Pavis, que chama a atenção para a relação de complementaridade, mas de diferença, principalmente, entre a obra "no seu próprio contexto e a do espectador no contexto em que assiste ao espetáculo" (PAVIS, 1999, p. 197)⁴.
2. A "teoria dos polissistemas", de Even-Zohar, que "ênfatiza a multiplicidade de interseções e, a partir disso, a maior complexidade na estruturação que isso implica" (EVEN-ZOHAR, 2016)⁵.
3. O conceito de "intertextualidade", de Mikhail Bakhtin, segundo o qual: "(...) existe um grupo especial de gêneros que exercem um papel estrutural muito importante nos romances, e às vezes chegam a determinar a estrutura do conjunto, criando variantes

⁴ PAVIS, P. *O teatro no cruzamento de culturas*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

⁵ EVEN-ZOHAR, I. *Teoria dos polissistemas*. Disponível em: <www.tau.ac.il/~itamarez/>. Acesso em: 22 jun. 2016.



particulares do gênero romanesco. São eles: a confissão, o diário, o relato de viagens, a biografia, as cartas e alguns outros gêneros” (BAKHTIN, 2014, p. 124)⁶.

4. A relação interartes, analisada por Claus Clüver: “(...) um texto isolado – seja lá em que mídia ou sistema sótico – pode representar um rico objeto de pesquisa para os Estudos Interartes, (...)” (CLÜVER, 1997, p. 42)⁷.
5. O termo “transtextualidade”, de Gerard Genette, tratado pelo autor como sinônimo de “transcendência textual do texto, que definiria (...) como ‘tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta com outros textos’” (GENETTE, 2006, p. 7, ênfase no original)⁸.

Todos esses conceitos levam à pluralidade, ou à “multiplicidade”, como chamou Ítalo Calvino (1998), no livro *Seis propostas para o próximo milênio*. E é com base nele, que mencionou que o caráter diverso e múltiplo das narrativas literárias pode ser considerado uma “grande rede”, similar à vida e ao mundo, que encerramos esta apresentação, na tentativa de motivar a leitura dos artigos sobre as mais variadas interseções da/na literatura com o que entendemos ser um verdadeiro elogio à multiplicidade:

Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele *unicum* que é o *self* de quem escreve (...). Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (CALVINO, 1998, p. 138)⁹

Verônica Daniel Kobs
Editora

⁶ BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

⁷ CLÜVER, C. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. *Literatura e sociedade*: revista de teoria literária e literatura comparada. São Paulo, n. 2, 1997, p. 37-55.

⁸ GENETTE, G. *Palimpsestos*. A literatura de segunda mão. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

⁹ CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

